



MORADIA UNIVERSITÁRIA: O ÂMBITO DA DEMANDA HABITACIONAL DE MANHUAÇU

Autor: Laís de Souza Andrade

Orientador: Melanie León Graça

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Período: 10ª Área de Pesquisa: Urbanismo

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender a tipologia e a vivência em moradias universitárias, bem como identificar e analisar os pontos positivos e negativos de morar nesse tipo de habitação. Estudou-se também o contexto da cidade de Manhuaçu (MG), referente ao seu crescimento, à sua economia e à existente demanda habitacional do público estudantil. Para elaboração da pesquisa, após o estudo bibliográfico, foram questionados 1170 alunos de determinada instituição de ensino superior e 7 imobiliárias atuantes na cidade. Os resultados conferiram de forma positiva com pesquisas de diversos autores, que abrangeu a caracterização dos alunos e as vantagens sobre a facilidade de morar perto da faculdade, como o envolvimento em atividades extracurriculares e a obtenção de estágio. Para a confirmação da hipótese, 63% dos alunos mostraram interesse de residir em uma habitação universitária na cidade e manifestou majoritariamente de forma positiva à indagação sobre melhoramento do desempenho acadêmico e no desenvolvimento interpessoal. Houve questões negativas na pesquisa, como a constatação de uma má alimentação e o desgaste do deslocamento diário dos estudantes que moram fora da cidade. A pesquisa com as imobiliárias inferiu a existente e crescente procura de imóveis por estudantes universitários e afirmou que eles optam por localidades próximas às instituições de ensino. Foi constatada viável a implantação de uma moradia universitária na cidade.

Palavras-chave: Habitação para estudantes; Moradia universitária; Alojamento para estudantes.

1. INTRODUÇÃO

O crescimento das instituições de ensino brasileiras vem aumentando nos últimos anos. O Censo da Educação Superior mostra que o Brasil ganhou 199 novas instituições de ensino entre públicas e privadas no intervalo de 2005 a 2015 e apresenta um aumento de 73,6% de matrículas nesse período (INEP, 2005; INEP, 2015). O surgimento e crescimento dessas instituições levam desenvolvimento para as cidades em que estão implantadas, como é o caso da cidade de Manhuaçu, localizada no estado brasileiro de Minas Gerais, que já era considerado pólo regional de saúde e comércio tornando-se, no âmbito educacional, como mostram os índices de desenvolvimento do IBGE. A implantação de instituições de ensino superior na cidade atraiu vários estudantes da região que se deslocam diariamente para estudar, tornando a opção de residir na cidade mais atrativa, devido à dificuldade e à restrição na mobilidade urbana, ao desgaste físico e ao tempo gasto nos longos trajetos diários enfrentados por eles, assim como o acesso às alternativas de estágio e emprego mais comumente ofertadas nas proximidades das instituições de ensino, abrangendo possibilidades de auxílio financeiro e proporcionando maior concentração, disponibilidade, desenvolvimento e integração acadêmica.

Partindo dessa realidade questiona-se: é possível que a criação de moradias universitárias melhorem a qualidade de vida, o desempenho acadêmico e profissional da população flutuante de alunos que estudam em Manhuaçu?

A pesquisa realizada por Fior (2003) mostrou que a participação de universitários em atividades não obrigatórias, dentre elas a experiência de residir em uma habitação universitária, aumenta a oportunidade da vivência de relacionamentos interpessoais, gerando trocas de experiências, uma vez que são alunos de outros cursos, de origens diferentes, situações diferentes, tal qual são positivos em sua maioria, podendo destacar: a autopercepção, a autonomia, a autoconfiança, a competência social, a noção de propósito, a aquisição de conhecimentos, habilidades acadêmicas, competência vocacional, altruísmo, apreciação cultural, entre outros.

Assim, o presente trabalho buscou compreender os impactos da experiência de residir em moradia universitária no desempenho acadêmico e na vida pessoal dos estudantes, bem como analisar a necessidade de implantação desse tipo de moradia na cidade de Manhuaçu na visão dos discentes, verificando as vantagens para a economia da cidade devido ao aumento desta população estudantil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Moradias universitárias no exterior

Não existe uma história concreta sobre o surgimento das universidades. Estudos apontam que elas surgiram preambularmente na Europa, entre o final do século XI e início do século XII. As primeiras universidades que eclodiram na história são a Universidade de Bolonha, na Itália, em 1088, e a Universidade de Sorbonne, em Paris, em 1150, que fora modelo mundial por seu ensino tecnológico na época (GOMES *et al.*, 2014). Anteriormente, no Oriente Islâmico, existiam instituições similares, com ampla variedade de cursos, como a Universidade Al-Azhar, conceituada a primeira universidade global (NAWATE, 2014).

No continente americano, as primeiras universidades surgiram na América Latina entre 1538 e 1755, destacando a Universidade Autônoma de Santo Domingo, na República Dominicana, a Universidade Nacional de San Marcos de Lima, no Peru, a Universidade de Havana, em Cuba, entre outras. Na América do Norte, as primeiras universidades foram a Universidade de Harvard, em 1636, a Universidade de Yale, em 1701 e a Universidade da Filadélfia, em 1755 (GOMES, 2002).

As universidades se desenvolveram ao longo do período Renascentista, quando a Europa vivia um progresso artístico, cultural e científico, caminhando para a Idade Moderna (SOUSA, s/d). Nesse período, as Universidades de Oxford e Cambridge criaram uma estrutura específica para atividades acadêmicas, que foram chamadas de cidades universitárias e serviram de modelo para a concepção de "campus" na América (NAWATE, 2014).

As universidades eram criadas pelo Papa e administradas pela Igreja. Porém, a Reforma Protestante rompeu este domínio, abrindo portas para a exploração da ciência e do humanismo. Um exemplo foi a Universidade de Berlim, em que a liberdade acadêmica em experimentações de laboratório substituiu as doutrinas teológicas e a idealização de universidade como complexo de faculdades que promoviam experimentos e pesquisas influenciou mundialmente no surgimento e crescimento de outras universidades (GOMES *et al.*, 2014).

Vilela Júnior (2003) discorre que o conceito de *campus* foi difundido no século XX, abandonando as relações com o meio urbano e com a população que não faz parte da universidade, delimitando geograficamente seu espaço, idealizando a cidade universitária moderna. Para o autor,

[...] o processo de isolamento das cidades universitárias decorre da maneira como as mesmas foram tratadas físico-espacialmente, com seus centros de vivência, conjuntos sociais, zonas de convívio, entre outros equipamentos previamente definidos. É nesse contexto que vai surgir o programa de alojamentos universitários modernos, destinados a moradia de professores, alunos e funcionários das instituições de ensino superior espalhadas pelo mundo (VILELA JÚNIOR, 2003)

Anteriormente, na Idade Média, os universitários se abrigavam em casas e as chamavam de "nações", pois cada uma alojava estudantes de determinada origem. As moradias estudantis, como são conhecidas hoje, surgiram em Portugal quando Dom Dinis¹ assinou o documento *Scientia e thesaurus mirabilis*, criando a Universidade de Coimbra e, em conjunto, a construção de casas destinadas exclusivamente a estudantes (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2007 apud GOMES et al, 2014).

Para a Universidade Federal Fluminense, a moradia estudantil oferece abrigo físico com condições de permanência para alunos em graduação presencial. Vilela Júnior (2003) apresenta três exemplos de moradias estudantis internacionais: o Pavilhão Suíço de Le Corbusier, na Cidade Universitária de Paris; a Baker House de Alvar Aalto, na Universidade de Cambridge; A Casa do Brasil de Lucio Costa e Le Corbusier, na Cidade Universitária de Paris.

2.2. Moradias universitárias no Brasil

Posteriormente a chegada da Coroa Portuguesa no Brasil, na segunda metade do século XIX, Dom João VI² começou a promover uma infra-estrutura educacional adequada para a corte. No começo, eram apenas cursos em escolas e institutos, que mais tarde tornaram-se faculdades, sempre com bases religiosas, até a independência (GOMES et al., 2014).

Havia restrições à criação de universidades no país por parte do Império. Somente no século XX, na República, houve a união de faculdades, nascendo assim as primeiras universidades brasileiras (NAWATE, 2014).

Gomes et al.(2014) afirmam que a primeira universidade brasileira foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criada em 1920 através da junção de três instituições: a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito. Em 1937, Gustavo Capanema, ministro da educação, criou um projeto transformando-a em referência na qual todas as instituições deveriam seguir. A Universidade então recebeu o nome de Universidade do Brasil. Nesse período, foi fundada a Casa do Estudante do Brasil, oferecendo moradia aos estudantes da UFRJ.

¹ Dom Dinis foi o sexto rei de Portugal (1279-1325). Tinha como objetivo principal administrar o reino e promover a prosperidade.

² Dom João VI foi rei de Portugal e Imperador do Brasil. Trouxe prosperidade para o país ao abrir portos para facilitar o comércio e desenvolver a economia, autorizou a impressão de livros, documentos e jornais, fundou o Banco do Brasil, entre outros benefícios.

Em seguida, baseados no modelo da Universidade do Brasil foram criadas: a Universidade de Minas Gerais, em 1927, a Universidade de São Paulo, em 1934, a Universidade Federal do Paraná, em 1950, entre outras, além das universidades particulares de cunho religioso, que surgiram entre as décadas de 1940 e 1950. Foi criado também o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), que era empenhado em pesquisas, onde alunos e professores residiam no campus (GOMES *et al.*, 2014).

Na década de 1960, jovens de classe média passaram a ter acesso à universidade, consequência da reforma universitária que gerou a modernização dos cursos, o aumento das vagas e a melhoria na estruturação para apoio aos estudantes. Nesse contexto, surge a Escola de Minas de Ouro Preto, que mais tarde recebe o nome de Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). (GOMES *et al.*, 2014). Com a mudança da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, aconteceu um esvaziamento populacional de aproximadamente 45% na cidade (MENICONI, 1999). Com essa emigração, várias casas ficaram vazias e foram ocupadas por estudantes, confiados o dever de preservá-las e não deixá-las desabar, pagando um baixo aluguel. Surgiram então as repúblicas, que eram administradas pela Casa do Estudante de Ouro Preto³. Em 1975, a entidade sofreu dificuldades de manutenção dessas repúblicas e decidiu que a melhor solução era transpassar 7 repúblicas para o patrimônio da UFOP. Em pouco tempo, as repúblicas superlotaram e movimentos estudantis começaram a postular mais repúblicas. Subsequentemente, foram construídas 14 repúblicas no campus Morro do Cruzeiro - UFOP. Esses eventos fazem de Ouro Preto a cidade pioneira em moradias universitárias no Brasil (MACHADO, 2003).

Hoje em dia, existem no Brasil 115 casas de estudantes chamadas oficialmente de moradias universitárias, que vão desde casas, como as repúblicas de Ouro Preto, até grandes conjuntos habitacionais como o Conjunto Residencial da USP (CRUSP) da Cidade Universitária de São Paulo (VILELA JÚNIOR, 2003).

2.3. Implantação em cidade pequena: o caso de Manhuaçu

Levando em conta as considerações de Santos (1993), as cidades com mais de 100.000 habitantes são consideradas cidades médias, colocando todas as cidades abaixo desse número como cidades pequenas. Fresca (2001) afirma que estas cidades são núcleos incumbidos de atender e apoiar parte considerável da população com atendimento médico, comercial e prestações de serviços. De acordo com Moreira Júnior (2009 *apud* STEPHAN e LATINI, 2014), muitas dessas cidades deixam de se empenhar no setor primário para servir ao setor secundário e terciário, que seriam a necessidade da população, mas, tem certa dependência dos núcleos maiores, como é o caso de Manhuaçu.

Manhuaçu é um município brasileiro localizado na Zona da Mata Mineira. Conforme os dados do IBGE, sua população estimada, em 2016, era de 87.735 pessoas. O *site* a Prefeitura Municipal de Manhuaçu afirma que, desde o fim do ciclo do ouro, a cidade tem como maior movimentação econômica a produção de café, devido à profusão de terras e a localização privilegiada. Na época atual, Manhuaçu é considerada pólo econômico de prestação de serviços, proporcionando a população residente e aos visitantes a melhor infra estrutura hoteleira para turismo e comércio da região do Caparaó. Isso se prova pelos índices de economia, em que se destaca

³ Associação sem fins lucrativos, fundada em 1966, com objetivo de oferecer moradia a estudantes e executar ações de âmbito acadêmico-cultural, social e ambiental.

que o PIB *per capita* da cidade teve um crescimento de 52,64% entre os anos de 2010 (R\$13.931,78) e 2014 (R\$21.266,39).

Uma parte desses índices econômicos pode ser justificada pela implantação e ascensão de instituições de ensino superior na cidade desde 2002, sendo elas: Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG), Faculdade do Futuro (FAF), Doctum, Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFES), Campus Manhuaçu.

Consoante o Mapa do Ensino Superior no Brasil, em 2015, havia 50 instituições de ensino superior na Zona da Mata mineira, as quais foram feitas 66.904 matrículas no mesmo ano, dentre elas, instituições de ensino da cidade de Manhuaçu.

Stephan e Latini (2014) dissertam sobre a relação da cidade com a universidade. Elas se inter-relacionam e devem desenvolver juntas suas estratégias, sem deixar escapar as oportunidades de compartilhar visões e recursos. Por isso, ao implantar uma instituição de ensino, não se deve ignorar o contexto ao qual ela está sendo inserida, bem como as transformações urbanas que ela irá trazer para o local para haver êxito no desenvolvimento tanto da instituição, como da cidade como um todo.

Na visão de Sanfeliu (2011), a implantação de universidades em cidades consideradas de pequeno e médio porte são benéficas no ponto de vista econômico, pois são considerados pela autora "motores econômicos, tecnológicos e de negócios" e são um componente de estruturação social da cidade, uma vez que geram centralidades e um capital social que antes a cidade não tinha. O aumento da população, principalmente das massas atraídas pelas universidades, produz maior coletividade e maior relacionamento entre os indivíduos que estão interligados a cidade por relações acadêmicas com a própria população residente, uma vez que se instalará uma dinâmica social vigorosa composta de jovens, estudantes, educadores e profissionais.

Ainda, Sanfeliu (2011) relata que os efeitos socioeconômicos geram relacionamentos intensos entre a universidade e o seu ambiente. A universidade como estrutura física, definida como um *campus* (composto por prédios, instalações, laboratórios), tem sua forma espacial notável no tecido urbano, podendo tornar-se ponto de referência, atrair para perto bares, restaurantes, lojas, hotéis, serviços culturais, especulações imobiliárias, etc. Ao longo da história, a universidade tem ajudado a aumentar o padrão de vida e a escolaridade da população. Esses fatores contribuem significativamente para transformar a cidade em um pólo de crescimento regional, como é o caso de Manhuaçu, exemplo perceptível dessa alteração na forma espacial da cidade, da atração de prestação de serviços e da procura por habitações, fatores antes ausentes ou escassos.

2.4. Tipologia e programa de necessidades de habitações universitárias

A Secretaria Nacional de Casa do Estudante (SENCE)⁴ define casa de estudante como qualquer local configurado para fins de moradias estudantis, recebendo as seguintes nomeações: "[...] alojamento estudantil, residência estudantil, casa de estudante (universitária, secundária, pós-graduação, autônoma,

⁴ Criada em 1987, é um movimento social autônomo, organizada através de colegiado. Tem entre seus objetivos coordenar a luta por moradias estudantis dignas e a criação de uma Política Nacional de Assistência Estudantil. Disponível em: <<http://sencebrasil.blogspot.com.br/p/sobre-sence.html>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

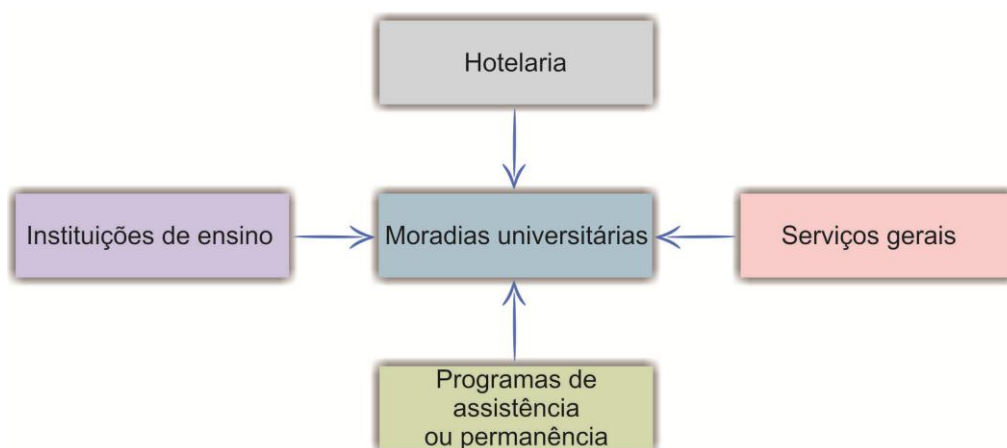
estadual, municipal), repúblicas e outras, independente da renda dos(as) moradores(as)."

A SENCE ainda define 3 tipologias básicas para habitações universitárias:

- 1 – Residência Estudantil: é a moradia de propriedade das Instituições de Ensino Superior e/ou das Instituições de Ensino Secundaristas Públicas;
- 2 - Casas Autônomas de Estudantes: é a moradia estudantil administrada de forma autônoma, segundo estatutos de associação civil com personalidade jurídica própria, sem vínculo com a administração de Instituição de Ensino Superior ou Secundarista;
- 3 - República Estudantil: é o imóvel locado coletivamente para fins de moradia estudantil. (SENCE, 2011)

Ressaltando, de acordo com Barreto (2014), que as moradias universitárias não têm como objetivo apenas o abrigo, mas também possuem finalidades sociais, humanas e de desenvolvimento para os estudantes, sendo um elemento social de grande valia no assessoramento universitário, já que, como aponta estudo realizado por Andrés (2011), 35% dos estudantes saem de um contexto familiar ao entrarem na universidade e necessitam de moradias e apoio durante o tempo em que permanecerem estudando, que pode ser proporcionado através da habitação universitária ideal que, no entendimento de Barreto (2014), deve atender aos aspectos conforme a figura 1. Primeiramente há a relação com a hotelaria, que diz respeito à hospedagem do universitário. Seguidamente, temos a ligação com serviços gerais, como limpeza, segurança e manutenção, que comprometem também a responsabilidade do aluno enquanto morador. Em terceiro, tem-se os programas de assistência ou permanência, como o auxílio moradia, atendimento médico, odontológico e psicológico e cursos diversos. Todos esses aspectos são oferecidos pela própria instituição de ensino ou pelo governo para beneficiar o aluno com fragilidade econômica.

Figura 1 - Relações para análise de uma moradia universitária



Fonte: Barreto, 2014, (adaptado pela autora).

Ademais, Gomes *et al.* (2014) trazem a questão da seleção dos alunos para morarem nas moradias universitárias, afirmando que o critério de seleção se difere para cada moradia, variando de acordo com mantenedores, situação econômica, morar fora do município onde situa a universidade ou ter uma distância considerável entre sua casa e a instituição e até pelas regras de convivência. Barreto (2014) ressalta ainda que algumas moradias universitárias aceitam alunos de pós graduação e até professores e funcionários da instituição. Em algumas universidades, os alunos devem renovar semestralmente sua permanência na moradia mediante a sua apresentação na administração da faculdade portando o comprovante de matrícula atualizado.

Um critério de seleção que praticamente todas as moradias possuem é a situação econômica. Nem todos os estudantes conseguem usufruir integralmente da universidade, seja por não morar nas proximidades ou pela necessidade de trabalhar para se manter, tendo em vista que sua renda familiar não supre as despesas extras na necessidade acadêmica. Esses estudantes têm menos tempo para dedicar-se aos estudos e muitos acabam abandonando o curso (ANDRÉS, 2011).

Quanto ao programa de necessidades, Nawate (2014) diz que existem modelos de habitações em que várias unidades de alojamentos se conectam por um único corredor, configurando a mesma tipologia de um hotel, com suítes ou dormitórios, com banheiros individuais ou compartilhados. Por uma questão econômica, as suítes são uma opção mais cara para o perfil de estudantes que vivem nessas habitações e, devido ao aluguel mais elevado, eles optam pelo alojamento mais simples. Outros modelos são os apartamentos independentes, em que alunos podem dividir o mesmo apartamento, tendo mais privacidade. É importante ter conexão de internet nos dormitórios, uma vez que a modernização dos cursos exige cada vez mais que os alunos acessem a internet para estudar ou compartilhar conteúdos. Os ambientes comuns de convívio nem sempre existem nessas habitações, dependem muito do tamanho do conjunto habitacional e se há número de alunos suficiente para justificar esses espaços. Nas grandes habitações atuais, há espaços para lazer, espaços relacionados ao ensino e para conferências.

2.5. Unidade habitacional: relação PÚBLICO x PRIVADO

Na opinião de Barros (2012) a habitação de cada indivíduo é um reflexo de como ele vive. O indivíduo passa a ter a sensação de pertencimento ao lugar quando o adapta à sua rotina, à sua condição social, à sua condição financeira e cultural, influenciando na arquitetura da habitação e nas sensações que ela passa ao observador. A vida do homem é cheia de hábitos que interferem na tipologia da sua moradia, como comer, dormir, se relacionar. Pode-se entender que a casa não que só a condição física, posta por parede, piso e teto. Uma casa conta a história dos indivíduos que a habitam, em que encontram abrigo, descanso e privacidade.

Quando se modifica a família, os hábitos, o momento de vida, as condições socioeconômicas, a habitação também se modifica, de modo a adequar ao morador. "A casa passa a ser espelho da personalidade dos moradores e assim estes se reconhecem a ela" (BARROS, 2012).

O autor Hertzberger (1999) discorre que se deve ter consciência da demarcação territorial ao projetar um espaço. É preciso preocupar com a delimitação de acesso a espaços vizinhos, dando setorização ao projeto. Pode-se promover essa continência de vários jeitos: pela forma, pela escolha dos materiais, pelo jogo

de luz e cor. Ao entender o que deve ser público e o que deve ser privado dentro de um edifício, o arquiteto consegue dispor dessas medidas para a satisfação e o conforto dos usuários enquanto moradores. O autor afirma que, se utilizados da forma correta, esse sistema

[...] pode aumentar a consciência dos moradores e visitantes quanto à composição do edifício, formado por ambientes diferentes, no que diz respeito ao acesso. O grau de acesso de espaços e lugares fornece padrões para o projeto. A escolha de motivos arquitetônicos, sua articulação, forma e material são determinadas, em parte, pelo grau de acesso exigido por um espaço (HERTZBERGER, 1999. p.19).

De acordo com Nawate (2014), a unidade habitacional, como principal parte de um conjunto de moradias estudantis, deve conter finalidades de uma casa comum, proporcionando ao estudante usuário momentos de privacidade, como sono e relaxamento, e momentos de convivência, como estudos e lazer. Por isso, devem contar com elementos que tragam segurança, privacidade e preocupem com a saúde dos usuários, usando da ventilação e iluminação através de aberturas adequadas.

Nawate (2014) ainda comenta sobre os banheiros. Com a intenção de contenção de gastos, em algumas moradias universitárias, há banheiros coletivos; porém, não é uma boa opção para quem deseja privacidade.

2.6. Vantagens de morar em moradias universitárias

Pesquisa realizada por Laranjo e Soares (2006), aplicada em 20 estudantes residentes em moradia estudantil universitária em São Paulo, mostra que morar no conjunto residencial motiva o aluno a estudar na universidade, uma vez que usufrui de bolsa alimentação, bolsa trabalho e outros benefícios que ajudam o aluno a administrar o dinheiro gasto, a comprar mais materiais para estudo e investir na sua cultura, como ir ao cinema, por exemplo.

Outra perspectiva destacada por Laranjo e Soares (2006) é a superação das expectativas sobre a convivência. Na moradia estudantil, os estudantes encontram pessoas "normais", bem parecidas umas com as outras. Pessoas que conversam, fazem comida, arrumam casa, vivem um cotidiano bem parecido. As autoras afirmam que a moradia universitária colabora para a democratização da universidade, pois os alunos desse tipo de moradia são, em sua maioria, alunos de baixa renda que, sem a ajuda das moradias, não conseguiriam se manter e cursar o ensino superior.

Fior (2003) afirma em pesquisa que residir em repúblicas estudantis traz grande amadurecimento para o aluno, pelo fato de ter que aprender a conviver com pessoas diferentes e realidades diferentes. Em concordância, um documentário feito por Santos Filho (2015) revela que a convivência com os outros moradores gera experiências positivas como a aquisição de habilidades, autoconhecimento, autodisciplina e socialização. São essas experiências interpessoais que os alunos levarão consigo para a vida toda.

Ainda segundo a pesquisa de Laranjo e Soares (2006), o lazer proposto pelas moradias estudantis é de fundamental importância para o progresso das relações com a sociedade. Através do lazer, o estudante busca formar novas referências e identidades pessoais, além de fazer novos amigos e entrar em novos grupos sociais.

Lima (2002) mostra em pesquisa que um programa de atividades artísticas desenvolvidas com alunos residentes nas casas de estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) gerou o envolvimento dos alunos, não só com o programa, mas com o meio social em que vivem. Pode-se perceber que as atividades extracurriculares desenvolvidas nas moradias universitárias são benéficas para a socialização do estudante e para o seu conhecimento cultural.

Residir em moradias universitárias proporciona ao estudante mais contato com o meio acadêmico e a oportunidade de participar de atividades não obrigatórias, que, conforme a autora, "contribui para o envolvimento do estudante em atividades tanto acadêmicas como de natureza social, favorecendo sua formação universitária" (FIOR, 2003). Um exemplo disso é o benefício de estar perto na hora de conseguir um estágio que, segundo Fior (2003), é uma atividade bem valorizada pelos estudantes e possibilita uma visão hábil da sua nova profissão, além de passar por experiências práticas que contribuem para a formação profissional do aluno. A autora ainda ressalta os alunos que passam seu dia a dia nos Centros Acadêmicos. Eles têm a oportunidade de realizar atividades de diversas naturezas, como organização e planejamento de eventos, condução de ações, atividades de liderança, entre outras atividades que contribuem de forma positiva para a formação do estudante como profissional.

2.7. Interferência na saúde e nos hábitos alimentares

Atualmente, a sociedade vem apresentando alterações no modo de vida, como a correria do dia a dia e as ocupações no trabalho, o que influencia diretamente no modo de morar. As pessoas têm optado cada vez mais por apartamentos ou condomínios fechados, por fazer suas refeições em restaurantes e não cozinhar, por tomar banho na academia ou por trabalhar em casa. Isso interfere diretamente na disposição e na setorização da habitação (BARROS, 2012). Anteriormente, a alimentação das moradias estudantis era feita por servidores e servidas em grandes salões. Entretanto, por mudança de hábitos culturais ou pela praticidade, os estudantes estão optando por providenciar a própria comida ou comer fora, ocasionando a mudança no planejamento das unidades individuais, passando a incluir cozinhas e/ou copas em seu programa de necessidades (NAWATE, 2014).

Em uma pesquisa sobre a alimentação de estudantes que residem em habitações universitárias de uma cidade do estado de São Paulo, Alves e Boog (2007) descobriram que a qualidade da alimentação desses estudantes caiu muito desde o período em que foram morar nas moradias universitárias. Um grande motivo é que, em casa, os pais eram responsáveis em preparar a alimentação e, ao irem morar na moradia universitária, eles próprios tinham que prover o que iam comer. É uma nova responsabilidade que, na maioria dos casos, não se tem muito êxito, devido à dedicação e ao tempo que a universidade exige do estudante, à nova rede de relacionamentos, a necessidade de participar da vida cultural que a universidade proporciona e a falta de experiência em preparar a própria alimentação. Uma boa alimentação acaba não sendo prioridade, perdendo sua importância e valor.

Freire *et al.* (2012) realizaram uma pesquisa sobre a saúde bucal dos estudantes moradores em moradias estudantis e confirmaram que a maior parte dos estudantes necessitavam de algum tratamento odontológico para cáries, restaurações, dentre outros. Isso se deve a maioria dos estudantes ter declarado uma má alimentação, com ingestão de refrigerantes, açúcares, sucos artificiais.

Por outro lado, uma pesquisa realizada por Zalaf e Fonseca (2009), que abrangeu estudantes do Conjunto Residencial da USP (CRUSP), apontou que a moradia estudantil dá o sentimento de liberdade aos estudantes que saem da casa dos pais. Essa autonomia gera fácil acesso a problemática do álcool e das drogas. Alguns alunos ressaltaram a vontade de usar a droga com a justificativa de passar por situações difíceis na sobrevivência afastada da família e por conflitos emocionais.

Outra interferência na saúde do estudante é mostrada por Laranjo e Soares (2006), diz respeito ao individualismo. Alguns estudantes não têm espírito coletivo ou ficam isolados nos finais de semana. Um dos motivos é pelo fator socioeconômico, o que acaba influenciando na família. Muitos estudantes não conseguem visitar a família com frequência e o isolamento é consequência disso. Outra consequência do isolamento é que o estudante "entra na bolha" e não conhece a sociedade, não conhece a realidade, não sabe lidar com o desemprego e com a falta de dinheiro.

Laranjo e Soares (2006) ainda falam que algumas soluções para o problema do isolamento vão desde transformar o apartamento em um espaço de convivência em que o aluno, enquanto morador sinta-se realmente habitante daquele lugar até a sistematização de atividades de lazer variadas que podem originar uma chance de socialização com os demais moradores.

3. METODOLOGIA

No presente artigo foi desenvolvida uma pesquisa descritiva, utilizando-se da técnica de levantamento (*survey*) com aplicação de questionários para compreender a opinião pública, realizada com participantes não identificados e da técnica de pesquisa bibliográfica. Os dados foram processados, analisados e tratados pelo critério quantitativo.

Por meio da pesquisa descritiva que, segundo Gil (2012) estuda e caracteriza uma população ou fenômeno ou grupo, foram verificados dados de crescimento e desenvolvimento da cidade de Manhuaçu e incumbiu analisar a rotina e os hábitos de estudantes universitários de determinada instituição de ensino superior desta mesma cidade. Foram aplicados questionários aos alunos de todos os cursos da instituição, totalizando 1170 questionados sem nenhuma distinção, caracterizando também o levantamento de campo (*survey*) que Gil (2012) define como a abordagem direta das pessoas que se enquadram no campo que está sendo trabalhado. Foi escolhido o questionário porque essa ferramenta de pesquisa dá acesso direto ao público alvo do estudo, assim como oportunidades de compreender a rotina e o seu modo de vida.

Também foram submetidos a questionários colaboradores de 7 imobiliárias da cidade de Manhuaçu, com o intuito de investigar a procura de habitações por estudantes e se há demanda para tal.

O levantamento ocorreu no primeiro semestre de 2017 nas dependências da instituição de ensino e nos escritórios das imobiliárias. Todos os pesquisados foram informados sobre o conceito do tema e os objetivos da pesquisa. Tanto a instituição de ensino quando as imobiliárias estavam cientes do método utilizado por meio do Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD). Para Gil (2012), o questionário contém questões intencionalmente elaboradas para chegar aos objetivos da pesquisa, é vantajoso chegar ao público alvo, é anônimo e, por isso, não influencia o pesquisador no processamento de dados e no resultado final.

Os questionários não foram submetidos ao sistema do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme preserva a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, artigo 1º, parágrafo único.

Foi apresentado, através da pesquisa bibliográfica e utilizando fontes diversas, tais como livros, dissertações, periódicos e artigos de diferentes autores, sendo os principais Fior (2003), Gomes *et al.* (2014), Vilela Júnior (2003), Nawate (2014), Barreto (2014), Stephan e Latini (2014), que exploram o tema como um todo e como atividades não obrigatórias na formação do estudante universitário. Foi constituído um breve histórico sobre moradias universitárias, bem como o levantamento do programa de necessidades desse tipo de edificação. A pesquisa bibliográfica é aquela elaborada com base em material já estudado e pesquisas já realizadas, como livros, artigos e sensores. A pesquisa bibliográfica permite o pesquisador ter acesso a um vasto leque de fenômenos que não teria como atingir se fosse pesquisar pessoalmente sobre o assunto determinado (GIL, 2012).

Foi empregado o método quantitativo de análise possibilitando mensurar e estudar os dados obtidos através dos questionários. Conforme Fonseca (2002, p. 55),

[...] A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. [...]

Após a quantificação, os dados foram apresentados em forma de gráficos e/ou tabelas. Foi empregado o método descritivo para enumerar os aspectos que colaboram para a necessidade da implantação de uma moradia universitária na cidade em questão. Pôde-se ter uma visão da realidade que se faz explicativa para a inserção do projeto (GIL, 2012).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para alcançar os objetivos predeterminados nesse estudo, foi adquirido um abrangente conjunto de dados que serão analisados em forma de gráficos para proporcionar melhor entendimento da pesquisa aplicada aos estudantes e imobiliárias. A análise foi dividida em duas partes para melhor entendimento da pesquisa.

4.1. Resultado da aplicação dos questionários aos alunos

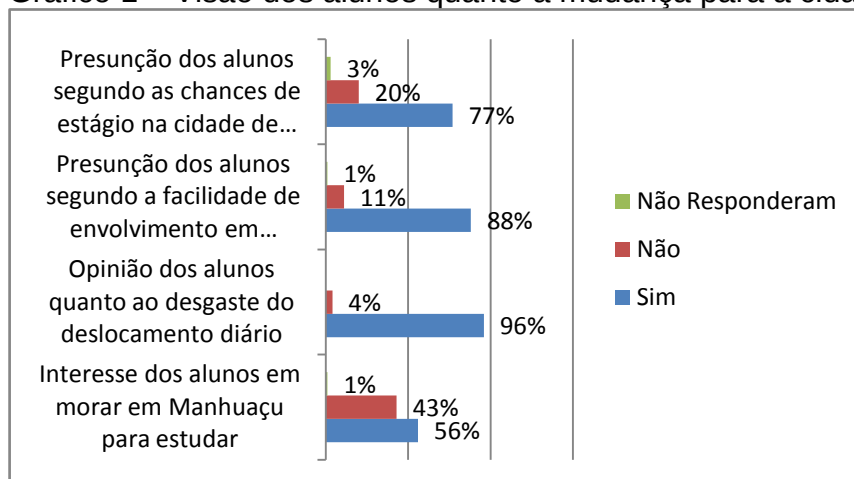
Foram aplicados os questionários aos alunos de determinada instituição de ensino superior da cidade de Manhuaçu, os quais responderam anonimamente e voluntariamente às questões contidas no questionário, que contém perguntas sistematicamente elaboradas a fim de obter resultados para a comparação com as pesquisas dos autores Fior (2003), Andrés (2011), Laranjo e Soares (2006), Lima (2002), Santos Filho (2015) e Alves e Boog (2007). Nesse tópico, serão descritos e estudados os resultados adquiridos.

Primeiramente, serão apresentados dados para a caracterização do público de alunos envolvidos nesta pesquisa.

Observa-se que a grande maioria dos alunos tem entre 18 e 30 anos, somando 91,20% do total de questionados. Em sua maioria foram discentes do sexo feminino com 58,98% das opções assinaladas. Observou-se que 46,07% dos estudantes, ou seja, a maioria mora fora da cidade, 34,70% dos estudantes já residia na cidade e 19,23% optaram por mudar para a cidade por causa dos estudos.

Apresenta-se a seguir a opinião dos alunos que moram fora da cidade quanto à cogitação de mudarem para Manhauçu para estudar e os possíveis benefícios que isso traria para o seu desenvolvimento acadêmico.

Gráfico 1 – Visão dos alunos quanto à mudança para a cidade de Manhauçu



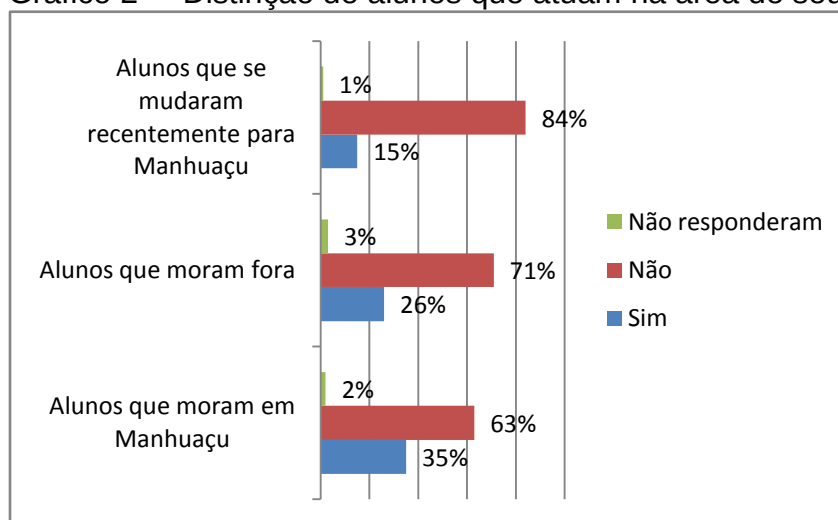
Fonte: dados de pesquisa (2017).

Constata-se que, de acordo com o gráfico 1, somam 56% os alunos que moram fora e demonstram interesse em se mudar para Manhauçu para estudar. Esse interesse pode ser justificado pelos resultados obtidos mediante a pergunta "Você acha desgastante o deslocamento diário?", 96% dos alunos responderam que sim, é desgastante o deslocamento de suas cidades de origem até a faculdade e a retomada para casa após as aulas. Outras justificativas desse interesse que podem ser consideradas: para 88% dos alunos residir na cidade em que está inserida a faculdade possibilitaria um maior envolvimento em atividades extracurriculares oferecidas pela faculdade, como monitorias, iniciação científica, projetos de extensão, entre outros, e 77% dos alunos presumem que residir em Manhauçu aumentaria suas chances de conseguir um estágio.

Sustentando os resultados positivos do gráfico 1, Fior (2003) atesta que uma maior participação em atividades extracurriculares permite experiências práticas que contribuem para a ampliação da visão do estudante e para uma melhor formação profissional.

Para averiguar essa presunção por vagas de estágio observadas no gráfico 1, foi perguntado a todos os alunos se eles estagiam ou trabalham na área de seus respectivos cursos.

Gráfico 2 – Distinção de alunos que atuam na área de seus cursos

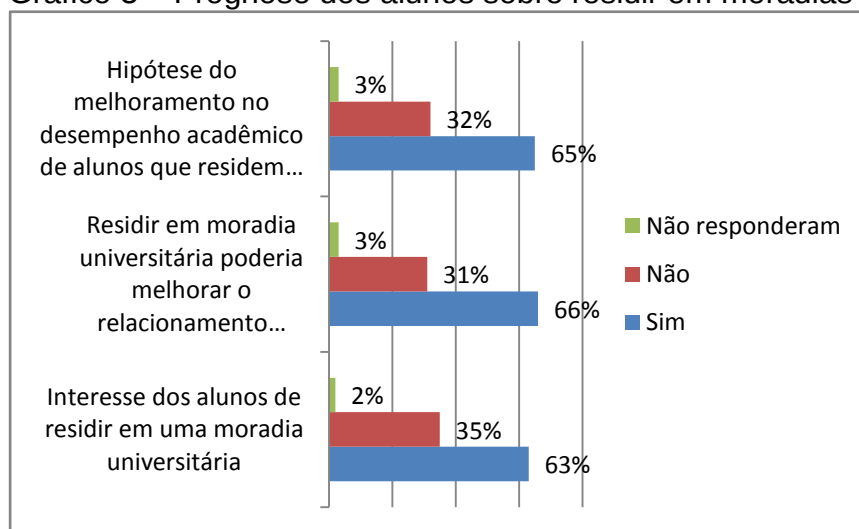


Fonte: dados de pesquisa (2017).

O gráfico 2 trata da distinção dos alunos sobre a atuação na área em seus respectivos cursos. Ao analisar os dados, apurou-se, em geral, uma resposta negativa em relação ao campo de trabalho dos alunos. Ficou evidenciado que nem sempre mudar para a cidade em que está inserida a instituição de ensino, mesmo que seja a cidade polo de sua região, como é o caso da cidade em estudo, pode ser a melhor opção para quem procura inserção no mercado de trabalho. O pior resultado foi justamente dos alunos que se mudaram para a cidade, com 84% de resultados desfavoráveis.

Continuamente, foram levantadas questões aos alunos que moram fora e aos que se mudaram para a cidade sobre o interesse de morar em uma moradia universitária em Manhauçu e os benefícios que esse tipo de habitação traria para sua vida acadêmica e pessoal. Foram processadas somente as respostas desse grupo de alunos, pois, de acordo com Laranjo e Soares (2006), a moradia universitária foi criada particularmente para alunos que moram fora da cidade em que está inserida a instituição de ensino e vêem dificuldade em se deslocar ou não tem condições financeiras suficientes para se manter sozinho e estudar ao mesmo tempo; logo, os alunos que já residem na cidade não se enquadram no contexto e não foram contabilizados nessa etapa da pesquisa.

Gráfico 3 – Prognose dos alunos sobre residir em moradias universitárias



Fonte: dados de pesquisa (2017).

Considerando o conteúdo do gráfico 3, que mostra a prognose dos alunos em residir em moradias universitárias verificou-se que existe o interesse, 63% dos questionados afirmam a vontade de morar nesse tipo de habitação. Para os 66% dos questionados esse tipo de habitação poderia melhorar o relacionamento interpessoal, fixando a pesquisa de Fior (2003), em que foi reconhecido que a moradia estudantil permite a convivência com diversos tipos de pessoas, permitindo o engrandecimento das relações interpessoais. Consideram-se também as pesquisas de Laranjo e Soares (2006) e Lima (2002), ao afirmar que o lazer oferecido nesse tipo de habitação é uma oportunidade para a socialização. Ainda confirma essa hipótese o documentário de Santos Filho (2015), em que ele diz que são essas experiências que os estudantes levarão consigo para o resto da vida. Em contrapartida, 32% dos questionados tiveram uma resposta negativa, se enquadrando na mesma situação colocada por Laranjo e Soares (2006) sobre o individualismo.

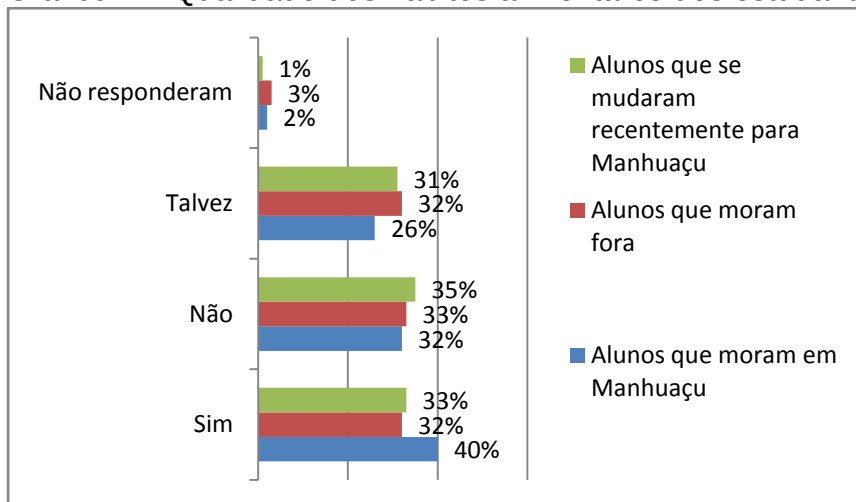
Ressalta-se também o gráfico 6, tratando a hipótese do melhoramento no desempenho acadêmico de alunos que residem em moradias universitárias. Mais uma vez a resposta foi otimista, contando com 65% dos estudantes, confirmando a pesquisa de Fior (2003), que assegura que passar o dia a dia nos centros acadêmicos permite ao aluno realizar atividades de diversas naturezas, contribuindo positivamente para o desenvolvimento do estudante no que diz respeito à capacidade de liderança e planejamento geral.

Outro objetivo deste estudo foi a melhor compreensão dos fatores negativos da vida do estudante universitário residente em moradias universitárias. Para isso, foi perguntado sobre a alimentação de todos os questionados.

O gráfico 4 apresenta os resultados obtidos do questionamento aos estudantes sobre a consideração pessoal dos seus hábitos alimentares. O gráfico mostra a avaliação positiva dos estudantes que residem em Manhauçu, podendo afirmar que 40% dos estudantes, a maioria, consideram sim sua alimentação saudável. Observa-se as respostas dos estudantes que moram fora, contabilizando uma certa igualdade entre as respostas positivas e negativas, 32% e 33% respectivamente. Constata-se, ainda, que os estudantes que se mudaram para a

cidade por causa dos estudos, em sua maioria, não consideram sua alimentação saudável (33%).

Gráfico 4 – Qualidade dos hábitos alimentares dos estudantes universitários



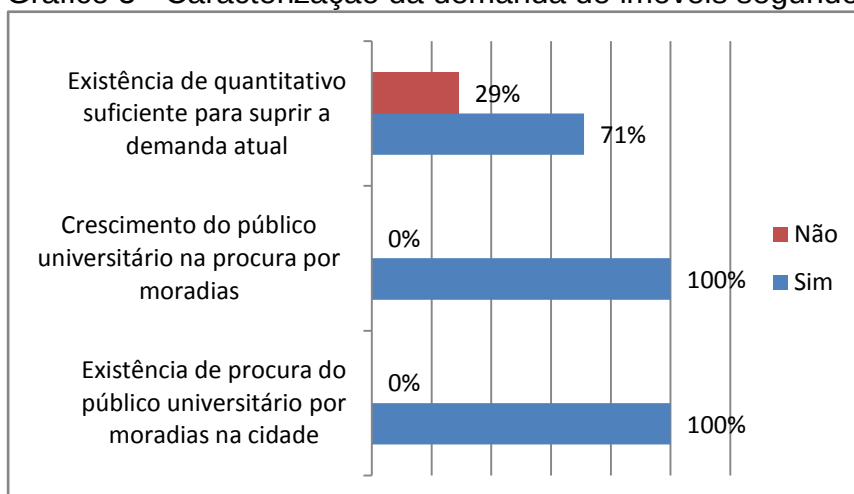
Fonte: dados de pesquisa (2017).

Comparando os resultados e considerando que os alunos que se mudaram para a cidade por causa dos estudos moram sozinhos, em repúblicas ou dividem moradias com outros colegas, pode-se concluir que a qualidade da alimentação dos alunos que saem da casa dos pais para morar sozinhos e em locais distantes é negativa, confirmando a pesquisa das autoras Alves e Boog (2007), que aponta uma queda na condição alimentar de estudantes que residem em habitações universitárias, justificada pelo fato de serem os novos responsáveis pela preparação da comida, tarefa antes provida pelos pais. Sustentando esses resultados, a pesquisa de Freire *et al.* (2012) afirma que os problemas odontológicos dos estudantes são derivados de uma má alimentação.

4.2 Resultado da aplicação dos questionários às imobiliárias

Na segunda parte desta pesquisa, foram visitadas 7 imobiliárias da cidade de Manhuaçu para tomar conhecimento da existência da procura de imóveis por estudantes, identificar as características desses imóveis e quais localidades da cidade são preferenciais para eles. Os questionários foram preenchidos pelos donos das empresas e funcionários responsáveis pelo setor imobiliário.

Gráfico 5 - Caracterização da demanda de imóveis segundo as imobiliárias

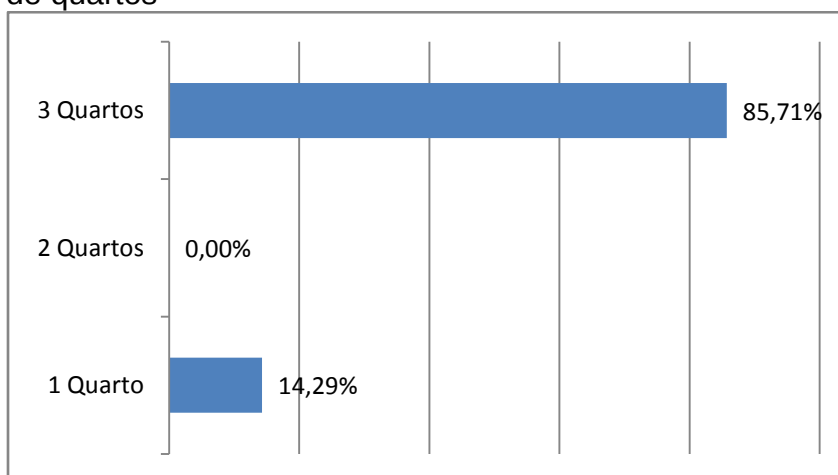


Fonte: dados de pesquisa (2017).

Observam-se, no gráfico 5, as respostas 100% positivas quando questionados sobre a existência de procura do público universitário por moradias na cidade. Sobre o crescimento do público universitário na procura por moradias também foi 100% positivo, concluindo-se que cada vez mais os estudantes vindos de outras cidades necessitam de um lugar para morar. Indagados sobre a existência de quantitativo suficiente para suprir a demanda atual, 71% dos questionados deram uma resposta otimista, transparecendo que os imóveis disponíveis em suas empresas satisfazem, em sua maioria, o público estudantil.

Foram questionados também sobre as características e localidades dos imóveis procurados pelos estudantes.

Gráfico 6 - Caracterização do perfil dos imóveis segundo as imobiliárias – Número de quartos

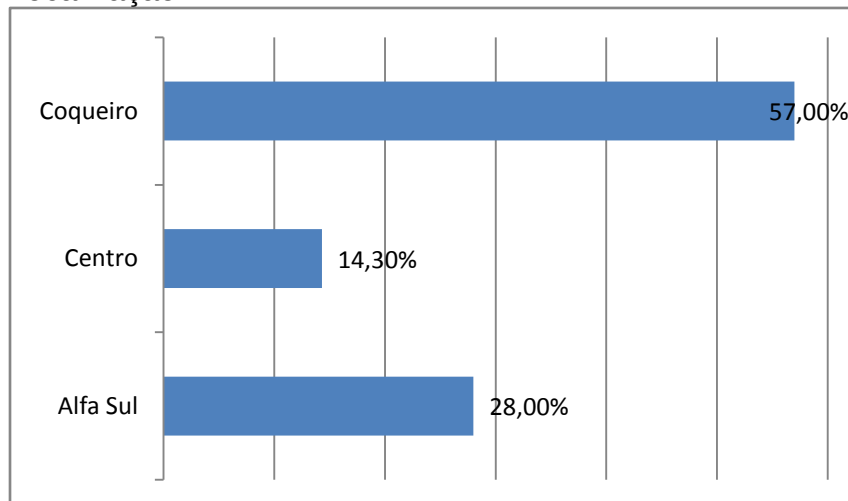


Fonte: dados de pesquisa (2017).

Analisando o gráfico 6, foi observado, em primeiro lugar, que 85,71% desse público prefere imóveis de 2 quartos, o que pode ser justificado pelo fato de a maioria dos estudantes dividir apartamento com algum colega. Em segundo lugar, nota-se a preferência por imóveis de apenas 1 quarto, explicando a pesquisa sobre o desenvolvimento do individualismo feita pelas autoras Laranjo e Soares (2006).

Em terceiro lugar, pode-se concluir que os imóveis de 3 ou mais quartos não são muito procurados pelo público estudantil.

Gráfico 7 - Caracterização do perfil dos imóveis segundo as imobiliárias – Localização

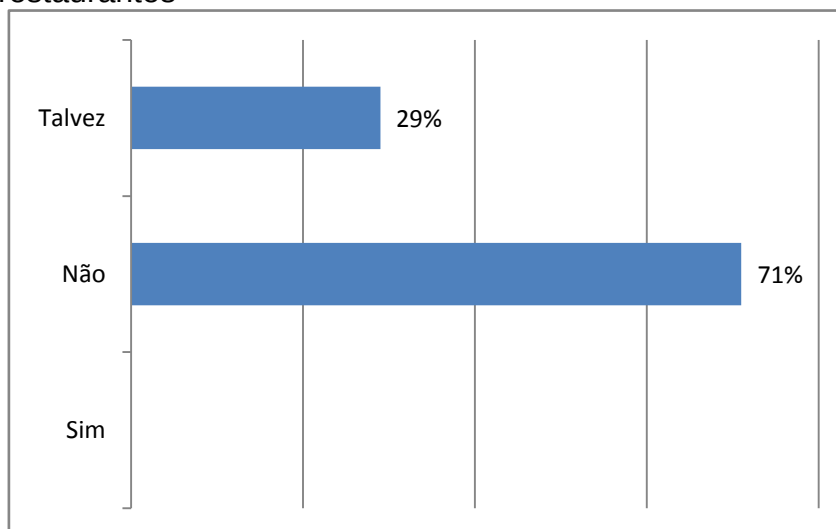


Fonte: dados de pesquisa (2017).

O gráfico 7 aborda os três bairros mais procurados por estudantes: Alfa Sul, Centro e Coqueiro. Os bairros Alfa Sul e Coqueiro foram sugeridos nos questionários devido às faculdades estarem inseridas nessas localidades e o Centro foi sugerido por ser a parte central da cidade, onde ocorre grande parte do comércio e prestação de serviços. Analisa-se, primeiramente, que 57% dos estudantes escolhem o bairro Coqueiro para morar, podendo justificar-se pela implantação de várias instituições de ensino no local. Em segundo lugar, está o bairro Alfa Sul com 28%, em que se comprova também pela implantação de duas instituições de ensino superior na localidade. O centro da cidade (14,3%) não é muito procurado pelo público estudantil, podendo explicar que não há nenhuma instituição de ensino superior inserida na localidade.

Para defender a hipótese da preferência dos estudantes pelos bairros Alfa Sul e Coqueiro por estes possuírem as instituições de ensino, perguntou-se às imobiliárias se os estudantes preferem imóveis localizados próximos às faculdades. Também foi questionado se esse público tem preferência por imóveis localizados próximos a restaurantes.

Gráfico 8 - Localidade dos imóveis segundo as imobiliárias – proximidade de restaurantes



Fonte: dados de pesquisa (2017).

O gráfico 8 identifica a resposta 71% negativa referente à preferência do público estudantil por imóveis localizados próximos a restaurantes, não sendo este um fator fundamental, remetendo-se às pesquisas das autoras Alves e Boog (2007) e dos autores Freire *et al.* (2012) sobre a má alimentação dos estudantes universitários.

5. CONCLUSÃO

Os resultados apresentados nesta pesquisa permitem concluir que a maioria dos estudantes da instituição de ensino em questão mora fora da cidade e, destes estudantes, a maioria teria interesse em mudar para Manhuaçu, acreditando que essa proximidade melhoraria seu envolvimento em atividades extracurriculares oferecidas pela faculdade. Dentre os estudantes que moram fora e os que mudaram para Manhuaçu por motivos de estudos, a maioria tem interesse em morar em uma moradia universitária na cidade e acreditam que esse tipo de habitação melhoraria seu relacionamento interpessoal, beneficiaria seu desenvolvimento acadêmico e a maioria dos estudantes que moram sozinhos admitiram possuir uma má alimentação. Esses resultados influenciam diretamente no programa de necessidades de uma moradia universitária, na distribuição dos espaços e em como eles são usados. Relacionando essas decorrências com a figura 1, pode-se incluir nesse programa espaços de convivência, como halls convidativos, praças, terraços que contenham áreas de lazer, ou até levar isso para dentro das unidades habitacionais, criando salas mais amplas ou quartos compartilhados. Englobam-se também espaços que beneficiariam os estudos, como escrivaninhas dentro da unidade habitacional, bibliotecas, salas de estudos coletivas, pequenos laboratórios, miniteatro, sala de jogos, quadras e salas multiuso para desenvolvimento de atividades extracurriculares, como ateliês, oficinas, cursos e treinamentos.

Nesta pesquisa realizada com os estudantes, houve uma compatibilização positiva com as pesquisas dos outros autores que serviram de base para a elaboração deste trabalho. Por outro lado, é necessária a conscientização dos

alunos em relação à alimentação, uma vez que esse problema pode gerar consequências futuras à saúde.

A pesquisa feita com as imobiliárias de Manhuaçu mostrou que há uma grande procura de imóveis por estudantes e que estes preferem localidades próximas às faculdades, revelando que um futuro conjunto de habitações universitárias tem a necessidade de ser implantada em locais estratégicos que facilitem o acesso à instituição de ensino.

Este trabalho limitou-se às publicações de artigos, teses e dissertações, devido à ausência de literatura nacional voltada para o tema. Não foram encontradas também bibliografias e pesquisas recentes convenientes para embasar esta pesquisa. Percebe-se, portanto, que novas pesquisas precisam ser feitas para melhor caracterização desse grupo de alunos que precisam de um olhar atencioso a fim de melhorar sua qualidade de vida e seu desenvolvimento.

No contexto da cidade de Manhuaçu, consta-se positiva e necessária a implantação de uma moradia universitária, dado que sua inserção geraria uma melhoria na condição de vida dos alunos que moram em outras localidades, uma vez que residir na mesma cidade em que estudam, ficaria mais fácil para progredir suas atividades acadêmicas, passar por experiências que podem expandir seu desenvolvimento pessoal e aumentar seus conhecimentos participando de estágios, por exemplo. O mercado imobiliário pode ver uma oportunidade de investimento ao fazer empreendimentos que supram a demanda de habitações estudantis bem localizadas e com um programa de necessidades que atenda a realidade desse público. A economia da cidade também seria mais privilegiada, pois o aumento de estudantes residentes movimentaria ainda mais o setor de comércio e de lazer.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, H. J.; BOOG, M. C. F. Comportamento alimentar em moradia estudantil: um espaço para promoção da saúde. **Revista Saúde Pública**, v.41, n.2, p.197-204, abr., 2007.

ANDRÉS, A. **Aspectos da assistência estudantil nas universidades brasileiras**. Brasília, DF: Câmara dos deputados, 2011. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/areas-da-conle/tema11/2011_4354.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BARRETO, D. **Moradias estudantis das universidades federais do sul do Brasil: reflexões sobre as políticas de gestão universitária**. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração Universitária) - Programa de pós-graduação em Administração Universitária, UFSC, Florianópolis, 2014.

BARROS, A. A. Hábitos no habitar: Hábitos de morar e a criação do espaço arquitetônico. **Vitruvios**. Ano 12, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.057/4386>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

BRASIL. Congresso. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 07 abr. 2016. Brasília, DF, 06 e 07 abr. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Censo da Educação Superior**. Brasília. Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/491267>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. **Censo da Educação Superior**. Brasília. Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://www.uff.br/sites/default/files/paginas-internas-orgaos/divulgacao_dos_resultados_do_censo_2015.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

FIOR, C. A. **Contribuições das atividades não obrigatórias na formação universitária**. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FREIRE, M. C. M.; *et al.* Condição de saúde bucal, comportamentos, autopercepção e impactos associados em estudantes universitários moradores de residências estudantis. **Revista de odontologia da unesp**, v.41, n.3, p.185-191, mai./jun. 2012.

FRESCA, T. M. Em Defesa dos Estudos das Cidades Pequenas no Ensino de Geografia. **Revista Geografia**, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2012.

GOMES, E. País tem história universitária tardia. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 23 a 29 set. 2002. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju191pag7a.html>. Acesso em: 09 abr. 2017.

GOMES, C. M.; *et al.* A Universidade e a fundamental importância da moradia estudantil como inclusão social. **Saberes da UNIJIPA**, Ji-Paraná, v. 1, n.1, p. 1-18, jul. 2014. Disponível em: <<http://unijipa.edu.br/revistas/artigos/100378>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

HERTZBERGER, H. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBGE. Manhauçu: senso de 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/manhuacu/panorama>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

LARANJO, T. H. M.; SOARES, C. B. Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas. **Revista de Saúde Pública**, v.14, n.1, p.123-155, dez. 2006.

LIMA, C. P. N. A arte na participação e a participação pela arte: uma experiência nas casas de estudantes universitárias da UFPE. **Serviço Social em Revista**, v.5, n.1, 2002.

MACHADO, L. O. As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 66, p. 197-199, out. 2003.

MENICONI, R. O. M. **A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto**. 1999. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8GCML9>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MOREIRA JUNIOR, O. **Cidades pequenas**: Territórios da Exclusão?. XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Planejamento Urbano e Regional. 2009.

NAWATE, P. S. **Moradia do estudante universitário**. 2014. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Construção Civil, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANHUAÇU. **História**. Manhuaçu: Comunicação Social, 2012. Disponível em: <<http://www.manhuacu.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6498>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SANFELIU, C. B. La inserción de la universidad en la estructura y forma urbana. El caso de la Universitat de Lleida. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidade de Barcelona, vol.XV, n.381, nov. 2011.

SANTOS, M. A nova urbanização diversificação e complexidade. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 1993. p.49-56.

SANTOS FILHO, R. E.; *et al.* Radiodocumentário Residentes da República: a moradia em comunidades estudantis. In: XXII PRÊMIO EXPOCOM 2015 – EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do Congresso da INTERCOM**. Viçosa: UFV, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/expocom/EX48-1041-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SOUSA, R. G. Renascimento. **Brasil Escola**, s/d. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/renascimento.htm>>. Acesso: em 09 Abr. 2017.

STEPHAN, Í.; LATINI, T. **O impacto da implantação de um campus universitário em rio paranaíba, MG**. IV Simpósio cidades médias e pequenas da Bahia. Barreiras, v.4, out. 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/4446>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Disponível em:
<<http://www.uff.br/?q=moradia-estudantil-no-grupo-assistencia-estudantil>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

VILELA JÚNIOR, A. J. **Uma visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil.** Anais do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil. São Carlos, 2003. Disponível em:
<<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/003R.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

ZALAF, M. R. R.; FONSECA, R. M. G. S. Uso problemático de álcool e outras drogas em moradia estudantil: conhecer para enfrentar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.42, n.1, p. 132-138, mar. 2009.